

A MAGIA PENTECOSTAL E SUA NEGAÇÃO

José Augusto Oliveira Dias¹

RESUMO

No meio pentecostal o termo magia, ou qualquer palavra que seja referente a este termo, considera-se como coisa do mal, num termo bem pejorativo, algo abominável por tentar controlar o curso da vida e suas áreas através de certos rituais misteriosos, tentando se apropriar de um papel que cabe a Deus, esta é uma das tantas visões de um pentecostal sobre o termo, no entanto, o cotidiano de um pentecostal é totalmente permeado por práticas místicas/mágicas. O presente artigo oferece uma análise sobre as divergências ocorridas entre magia e religião no campo evangélico pentecostal brasileiro. Fazendo menção de alguns aspectos religiosos recorrentes com relação às práticas mágicas nos cultos pentecostais em duas grandes denominações evangélicas: a Assembleia de Deus (pentecostalismo tradicional) e a Universal do Reino de Deus (neopentecostal), comparando-as as de outras confissões religiosas combatidas pelas mesmas, e ainda, a negação por parte dos pentecostais em relação a suas práticas religiosas, tratadas como não sendo mágicas, pois, na visão destes, tais práticas resultam em milagre divino, sendo Deus realizando, não há porque serem consideradas mágicas. Podemos dizer de antemão, que mesmo o combate feito pelos pentecostais contra a magia, encontra-se carregado de práticas mágicas. Ou seja, magia combate magia, ainda que o termo venha a sofrer interpretações diferentes entre as denominações religiosas no meio pentecostal e seu campo de conflito.

PALAVRAS-CHAVES: pentecostalismos, práticas mágicas, religião.

INTRODUÇÃO

Pentecostalismo e magia quando visto por uma ótica comum a princípio parecem desconectados um do outro, ou até mesmo antagônicos. Parece não ter nada haver um com o outro, ou até mesmo serem inconciliáveis, isso porque, o conceito usado para definir magia no meio cristão é o conceito pejorativo de algo impuro, maligno, com certas práticas resumidas como magia ou mágicas, diabólicas. No pentecostalismo isso se inflama, ainda mais, quando os pentecostais não se admitem como praticantes de rituais mágicos.

A magia em si vem a existir, de acordo com alguns autores, antes das práticas religiosas. Alguns afirmam que ela deu origem a religião, como uma espécie de ciência ela era utilizada pelo homem na compreensão e controle das forças da

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Membro do Grupo de Pesquisa Instituições, Movimentos e Culturas Evangélicas na Amazônia- MICEA.

natureza que assombravam o mundo nos tempos primórdios. Suas diferenças com relação à religião estão em fatores característicos de cada uma, tornando muitas vezes divergentes, isso não quer dizer que a religião não possua elementos ou práticas mágicas, assim como, algumas práticas mágicas não tenham aderido mecanismos da religião.

O pentecostalismo reata, de certa forma, a mística ao meio evangélico quando surgiu com práticas-rituais não encontradas nas igrejas protestantes tradicionais, que em grande maioria possuíam lideranças intelectualizadas, e não só com rituais, mas com crenças em determinadas práticas que a seu ver trariam resultados eficientes e milagrosos. O pentecostalismo possui ramificações ou tradições que podemos denominar como mágicas. É o que este trabalho vem tratar. Utilizando-nos de Marcel Mouss para a compreensão de magia e práticas mágicas, analisamos alguns dos rituais pentecostais em seus cultos, ligando a compreensão de Émile Durkheim sobre religião, trazendo suas diferenças com relação à magia. Analisando duas das maiores igrejas evangélicas brasileiras, a Assembleia de Deus e a Universal do Reino de Deus, em suas práticas desenvolvidas nos seus cultos e o que estas têm de rituais mágicos e como estes aderem às práticas mágicas, embora neguem a magia.

PENTECOSTALISMO(S)

Os pentecostalismos são muitos e se dividem em inúmeras denominações. Algumas denominações se destacam por serem as pioneiras, as maiores, as que romperam com o pentecostalismo clássico e as que se tornaram bem conhecidas, assim como muitas outras denominações menores consideradas autônomas. Entre as pioneiras estão a Congregação Cristã do Brasil (CCB) e a Assembleia de Deus (AD), esta também considerada a maior. As que inovaram foram a Igreja Quadrangular (IEQ) e Igreja Pentecostal Brasil para Cristo (IGPBC), ainda há a Igreja Deus É Amor, bastante conhecida por sua rigidez.

As pentecostais que se dizem ser tradicionais possuem práticas estáticas que para eles remonta o autêntico pentecostalismo bíblico do livro de Atos dos Apóstolos (especificamente o capítulo 2). As denominações inovadoras trazem consigo a base deste mesmo pensamento, mas são muito mais abertas a inovações. As mais tradicionais geralmente ainda preservam o falar em línguas estranhas (glossolalia)

com frequência em seus cultos, quase como uma obrigação. Os movimentos de transe como rodopiar, dançar, pular, rodar, gritar, profetizar falando o idioma local misturado a línguas estranhas (algumas palavras em português e a maioria em glossolalia) torna-se características das denominações pentecostais que se identificam como sendo pentecostais autênticas, sendo a Deus é Amor, alguns ministérios dentro da Assembleia de Deus e muitas outras igrejas autônomas pequenas. Mesmo as denominações pentecostais mais liberais e inovadoras trazem seus rituais estéticos, no entanto, com mais discricção ou muitas vezes suas práticas estão voltadas a manipulação de símbolos resignificados, criados, copiados, emprestados, ou seja, símbolos associados aos rituais pela liderança para a prática dos fiéis. Como no caso da Universal do Reino de Deus (IURD) que se apossa e resignifica símbolos de inúmeras outras religiões.

O pentecostalismo não só foi aderido por boa parte da população brasileira (esta rica em diversidade religiosa) como também aderiu práticas diversificadas de rituais, modos e costumes, para se adequar ao campo religioso brasileiro e oferecer serviços religiosos ao povo. O que encontramos num país continental como o Brasil, no que diz respeito aos pentecostalismos existentes nele, é uma diversidade muito grande de pentecostais, resultante da diversidade deste povo. Por esta razão torna-se necessário mencionarmos aqui que talvez haja (e há) pentecostais não praticantes de rituais mágicos. E, mesmo as igrejas de uma determinada denominação pentecostal possuem suas diferenças uma das outras, nos usos e costumes, como também em alguns rituais e liturgias. Diferenças acentuadas, até mesmo quem sabe, causadas pelas localidades, pois, igrejas dos centros urbanos são diferentes das igrejas das periferias, como comenta Gedeon Alencar (2013) sobre igrejas rurais e igrejas urbanas.

O TERMO MAGIA

Habitualmente entendemos por magia algo feito para o mal, ou algo de mal, feito e praticado para adoração de forças sinistras e macabras, ainda que a mídia cinematográfica tenha transformado em contos de fadas tais práticas e trazendo para ficção poderes extraordinários bem diferentes dos poderes possuídos pelos que exercem a prática da magia. O conceito de magia impregnado na sociedade esta longe

do que verdadeiramente se entende por magia ou práticas mágicas, está tão longe que, grande parte dos indivíduos participa, pratica ou exerce algum tipo de ritual mágico ou simpático e não sabe. Não sabe, porque desconhece o que é magia ou porque não considera como magia suas práticas, este é um processo que em parte deve muito a dominação cristã, e que não aprofundaremos aqui.

Na prática, há uma mistura de magia e religião pertencente ao povo brasileiro, torna-se difícil até mesmo para nós que estudamos tais fenômenos religiosos, separarmos o que é prática mágica e o que é ato religioso nas diversas manifestações religiosas que acompanhamos, no entanto, Marcel Mauss comenta (2003, p. 59), “os ritos mágicos e os ritos religiosos têm com frequência, agentes diferentes”, embora a magia não seja definida pelos seus ritos, “mas pelas condições nas quais eles se produzem e marcam o lugar que ocupam no conjunto dos hábitos sociais” (MAUSS, 2003: 61). E:

Enquanto a religião tende a metafísica e se absorve na criação de imagens ideais, a magia escapa por mil fissuras da vida mística, onde vai buscar suas forças, para misturar-se à vida leiga e servi-la (MAUSS, 2003, p.174).

Os ritos mágicos, assim como toda a magia de modo geral constituem em fatos da tradição. Se tais fatos não se repetem não podem ser considerados mágicos, assim como, eles possuem também formulas que podem ser transmissível sendo também sancionadas pela opinião (MAUSS, 2003: 55-56). Muitos fatores característicos da magia poderiam ser tratados aqui, mas este não é nosso objetivo. Por parte desejamos fazer uma breve apresentação do conceito de magia desenvolvido por Marcel Mauss, para que assim possamos adentrar nas práticas das duas denominações pentecostais e analisá-las.

Temos assim rapidamente (resumindo Mauss) o conceito de magia: o termo está ligado à palavra fazer, executar práticas para determinados fins; ela não se resume em atos simpáticos, isso porque estes podem ser tantos mágicos como religiosos; os ritos mágicos e os religiosos possuem agentes diferentes não sendo efetuados pelos mesmos indivíduos.

RELIGIÃO E MAGIA

Temos então a diferença entre magia e religião, estas por sua vez envolvem não só o indivíduo, mas a comunidade a qual este faz parte, tanto religião quanto magia

envolve comunidades que creem nas práticas e nos resultados destas, assim como naqueles que estão à frente dos ritos e cultos. Hoje a compreensão de magia e religião torna-se ainda mais difícil pelo fato do trânsito religioso ocasionados por indivíduos cada vez mais desprendidos de compromisso com instituições religiosas e seus dogmas (Hervieu-Léger, 2008). O indivíduo busca hoje não só em um meio religioso seu objetivo (benção, cura, felicidade, prosperidade, etc.), mas em vários meios oferecidos a ele. “A sociedade pós-moderna envolve seus membros primeiramente em sua condição de consumidores, e não de produtores. A diferença é fundamental” (BAUMAN, 2001, p.90). Nesta sociedade pós-moderna magia e religião estão cada vez mais presentes no mercado consumidor.

O que vale para o sujeito da fé são os resultados naquilo em que está depositando sua confiança, quase sempre (senão sempre), na maioria das vezes confiança total. O crente não está se importando com a classificação de atos mágicos ou religiosos, pois,

Em magia, como em religião, o indivíduo não raciocina, ou seus raciocínios são inconscientes. Assim como ele não tem necessidade de refletir sobre a estrutura de seu rito para praticá-lo, de compreender sua prece ou seu sacrifício, assim como não tem necessidade de que seu rito seja lógico, assim também ele não se inquieta com o porquê das propriedades que utiliza e não se preocupa em justificar racionalmente o emprego das substâncias. [...] Não há em seu pensamento senão a vaga ideia de uma ação possível, para a qual a tradição lhe fornece meios inteiramente prontos, diante da ideia, extraordinariamente precisa, do objetivo a atingir Mauss (2003, p.111).

Enquanto indivíduos não se detêm em saber a diferença entre magia e religião, estas duas sempre travaram uma luta ferrenha por distinção uma da outra. Ainda hoje no meio pentecostal (nosso foco aqui) vemos todo o empenho de líderes para não usar o termo que só é mencionado com relação às outras matrizes religiosas, como por exemplo, as religiões de Matriz Africana, pois, no combate as demais religiões o termo magia soa como o “diagnostico do mal”, falaremos mais a frente disto.

Percebemos com isso que, os pentecostais combatem em si a estrutura dos rituais que são mágicos, assim como também o mágico, pois, quanto aos efeitos que um rito praticado por um mágico e não por um sacerdote (pastor) pode causar, é demonizado e combatido, embora não se negue a eficácia da magia feita pelo mágico. Na religião isso acontece, como menciona Bourdieu (2003), na medida em que

agentes especializados, estes reconhecidos pela sociedade, como únicos possuidores de habilitações para produção, reprodução e até mesmo geração e distribuição dos bens simbólicos religiosos, só venham ser considerados como tais, se outros membros da mesma sociedade forem considerados não possuidores de capacidades de trabalho religioso. Sendo assim, pastores se utilizam do fato de fazerem parte de uma instituição estabelecida, para legitimarem seus títulos e suas práticas. Sendo o mágico respaldado apenas pela prática da magia e pelo carisma do povo, como comenta Weber (2013 p.10) “a magia é o lugar ‘espiritual’ da chefia carismática”.

Émili Durkheim (2008, p.76-77) menciona o fato de religião ser inseparável da ideia de igreja, o que constitui uma diferença essencial entre religião e magia, pois o mago tem clientela, não igreja, podendo ser esta clientela não possuidora de relações entre si, com os indivíduos ignorando uns aos outros, mesmo a relação, entre mago e clientela é passageira e sem vínculos, semelhante a um médico e um doente.

Enquanto os sacerdotes (pastores), embora respaldados pela instituição religiosa, têm ao mesmo tempo seus poderes limitados pela religião, os mágicos não, estão além das práticas que exercem, isso ocorre porque na magia as qualidades místicas, diferentemente da religião, pode servir de poderes como também conferir poderes ao mágico, são considerados possuidores de uma facilidade de invocar mais coisas que os outros (MAUSS, 2003, p.70). Tal conflito entre magia e religião resulta nas lutas entre sacerdote e mágico, o que não nos cabe no momento aprofundarmos em tal assunto.

Vemos que magia *versos* religião é mais um dos dualismos recorrente neste terreno que envolve o homem na busca pelo sobrenatural ou transcendente, como sagrado e profano, puro e impuro, santo e pecaminoso, etc., por isso, encontram-se entrelaçadas e agindo em conjuntas mesmo que divergindo uma da outra ou combatendo um a outra.

PRÁTICAS PENTECOSTAIS E PRÁTICAS MÁGICAS (AD)

O anúncio na rua soa em alto tom num carro ou numa bic-som (bicicleta com autofalantes usada para fazer propagandas) a importância de o fiel comparecer a reunião de tal igreja portando em mãos uma peça de roupa da pessoa a qual este fiel deseja que seja alcançado pelo milagre. Os milagres oferecidos são variáveis e contém vitórias contra vícios, doenças, desilusão amorosa, desemprego, causa na justiça, não importa qual seja a dificuldade pelo qual passa o fiel ou até mesmo a pessoa a qual

pertença a peça de roupa que este levava a reunião para que seja ungida, consagrada ou seja lá qual for o termo usado pelo pastor, bispo, obreiro, qual seja a nomeação da pessoa que estará na direção de tal reunião. O objetivo é que ao vestirem as roupas consagradas, ungidas ou apresentadas a Deus, os problemas, sejam lá quais forem e que gravidades tiverem, serem desfeitos. Este episódio nos remete a magia simpática de James Frazer (1982), mais precisamente a magia por contágio, onde se acredita que uma coisa, uma vez pertencente a uma pessoa, carrega a energia desta, uma vez em contágio, sempre em contágio.

Em outro caso os fiéis se dirigem ao templo com fotografias nas mãos, fotografias não suas, mas de outras pessoas, pessoas próximas, parentes, familiares, amigos, no final do culto os fiéis depositam tais fotografias aos “pés” do altar, o pastor fará uma oração apresentando a Deus todas as pessoas representadas nas fotografias e pedirá a Deus, intercedendo por elas, para que sejam resolvidos seus problemas e lhes “entregue a vitória em nome de Jesus”. Uma espécie de magia por similaridade, semelhante atrai semelhante, a benção é direcionada aquela imagem fotográfica, que se assemelha a uma determinada pessoa que não está presente fisicamente no culto, mas que está representada pela imagem da foto. Estes episódios e muitos outros estão presentes no cotidiano dos brasileiros e cada vez mais se tornam notórios pelo número cada vez maior de pessoas que se dispõem em buscar os serviços religiosos, místicos e mágicos. Tal fato seria comum, pois se tratando do povo brasileiro a mistura de crenças e rituais está presente desde seu início, o que nos chama a atenção é o fato do crescente número de práticas mágicas realizadas justamente por quem combate e não se admite o uso desta, os pentecostais.

Os pentecostais são hoje o ramo do cristianismo que mais influencia na sociedade brasileira, sua influência esta em toda parte, como na economia, arte (principalmente na música), moda, política e outras. Antes de influenciar o pentecostalismo sofreu influência (e vem sofrendo ainda hoje) visto que o pentecostalismo vivido pelos fiéis hoje esta longe do pentecostalismo trazido por missionários suecos, italianos, americanos. Pentecostalismo a princípio nos moldes americano. O pentecostalismo acompanhou (e ainda acompanha) o país em seu desenvolvimento, mais que isso, ele é uma ramificação que não ficou para trás e se ajustou ou se ajusta a mudanças de cada contexto, embora, haja denominações dentro dele que parecem ter parado totalmente no tempo, com suas doutrinas arcaicas, muitas outras formas de pentecostalismos surgiram e surgem, se adequando

aos novos rumos tomados pela sociedade, além do mais, o pentecostalismo brasileiro é único (ALENCAR, 2013).

Justamente por ser único e ser brasileiro, o pentecostalismo se adéqua a um contexto místico e diversificado de crenças e rituais. O que antes era combatido hoje é dominado e consagrado para ser usado por ele (o pentecostalismo), ele oferece soluções para problemas como trazer a pessoa amada (restituição do casamento), exerce trabalho para o fechamento do corpo do fiel (mil caíram ao teu lado e dez mil à tua direita, mas tu não serás atingido. Sl 91.7), abre os caminhos (no que diz respeito a emprego e prosperidade) e tudo quanto as crenças, ditas populares, ofereciam através de suas práticas mágicas. O povo amazônico que o diga, em especial o paraense e seu mercado de ervas, banhos mágicos (inclusive o do descarrego, chama-dinheiro e outros), perfumes e todos os tipos de mandingas e simpatias encontradas no mercado do Ver-O-Peso em Belém.

Hoje não basta somente orar por determinado mal, é preciso ungir, consagrar, levar para casa elementos que atraíam bênçãos, até mesmo proteção. Se antes o crente orava pedindo proteção e se considerava rodeado por anjos que o protegiam, hoje atraís das portas de suas casas encontra-se uma variedade de elementos simbólicos obtidos de tantas campanhas que esse participou para conquistar seu alvo. O que por sua vez remete a uma contradição de seus testemunhos de vitórias, pois com tantas vitórias seria notória a diminuição de suas buscas nos templos, o que não se vê. As demandas parecem estar dependentes das bênçãos dos líderes religiosos, seja na imposição das mãos com orações e palavras positivas, ou na “unção” de objetos, estes sendo ofertados pela denominação ou pertencentes aos fiéis, que levam para ser “ungidos” com óleo e decretarem a benção através do uso ou do simples fato de pertença, posto em algum lugar do lar, no carro, ou até mesmo no corpo. É a utilização do símbolo, como garantia de benção.

PRÁTICAS NEOPENTECOSTAIS: SÍMBOLOS, MAGIA, RITOS (IURD)

As igrejas pentecostais oferecem variedades de ofertas simbólica-religiosas, a Universal (aqui nos deteremos nela para representar as neopentecostais) se destaca pelas suas inúmeras campanhas oferecidas com temas diversos e com símbolos característicos a estas campanhas, trabalhando com a dependência destes símbolos para aquisição da benção. O fiel fica sujeito às práticas-rituais na crença de conseguir sua vitória, passa por portas, recebe água consagrada, pisa no sal, e tantas outras

simbologias criadas dentro desta denominação que nem mesmo um trabalho inteiro daria conta de cita-los todos.

Esta nova onda do pentecostalismo (FRESTON, 1996) de fato trouxe muitas mudanças significantes para seus cultos, evangelismo, campanhas e usos e costumes. Ela rompe com o estilo tradicional de membresia e de cultos voltados a esta, não havendo compromisso com dogmáticas institucionais, seus cultos passam a ser todos em formas de campanhas, atraindo grandes públicos de variadas confissões religiosas. “Diferente mente das outras igrejas evangélicas, a Universal poucas vezes faz menção à necessidade de “conversão” [...] ao contrario o convite mais frequente era a de “libertação”” (ALMEIDA, 2009, p.110). Ora, a “conversão” as demais igrejas pentecostal, na linguagem dos crentes, esta muito mais ligada a compromisso a partir desta (“conversão”) com a comunidade, a religião, a mesma fé.

Diferentemente das pentecostais tradicionais que mantém em grande maioria as quartas-feiras para culto de família, as sextas-feiras para doutrinar seus fiéis, e os domingos como cultos livres para a adoração. Novos comportamentos começam a ser presenciados nos meios pentecostais.

Com o neopentecostalismo, os conventículos de crentes virtuosos (expressão empregada por Weber para se referir aos puritanos) cederam terreno a cinemas, teatros e prédios desativados. Neles, as massas de crentes cada vez mais conformadas aos valores e padrões de conduta da sociedade e, portanto, cada vez menos sectárias e distintas dos não-crentes---passaram a se acomodar para cultivar e pleitear graças a Deus, submetendo-se a um rol de sacrifícios comportamentais comparativamente bem menos rigoroso do que o praticado por seus irmãos de fé das vertentes pentecostais tradicionais. A ética de ascetismo e de renúncia do mundo perderam terreno e sentido (MARIANO, 1999, p.223).

O fiel não sai do culto (ou concentração como dizem os anúncios) sem levar algum objeto simbólico criado ou tralhado pela igreja, toda trajetória do culto ou campanha está em volta a este símbolo, que pode ser de papel, de será, de plástico, de água, ou misturas de elementos como a composição do tão conhecido banho do descarrego, termo emprestado das religiões de matriz africana (na realidade não só este termo como muitos outros).

Toda via a imanência de uma força sagrada é reintroduzida pela Igreja Universal nos objetos, visando não à idolatria mas à transformação desses objetos em veículos de determinada “benção” ou maldição. A variedade de coisas depositadas no púlpito no início de cada culto está ali para ser “consagrada” ou “abençoada” (ALMEIDA, 2009, p.106-107).

Nas denominações mais tradicionais, chamadas de primeira e segunda onda (FRESTON, 1996), o uso de objetos simbólicos e ritual-mágicos adentraram com certa timidez, mas estão cada vez mais em evidências nas denominações que disputando clientela com as neopentecostais, pois, parece que, não veem alternativa se não a aderência das práticas, visto o tamanho da demanda. Muitas denominações pentecostais estão se neopentecostalizando, se é que se pode falar nisso, pois pode resultar também em pura mistura do tradicional com o moderno, o que ocorre em muitas igrejas pentecostais como a Assembleia de Deus que aderiu muito do neopentecostalismo, mas não deixou de ser pentecostal tradicional.

TRADICIONAIS: PROFETAS, SÍMBOLOS, MAGIA, ASSEMBLEIA DE DEUS

Ainda tratando de tradicional e moderno, é certo que as neopentecostais como a IURD têm tido notoriedade nos grandes centros das cidades, mas, nas periferias as pentecostais tradicionais ainda reinam de certa forma. Elas são híbridas, modernas e tradicionais ao mesmo tempo, grandes, pequenas, autônomas, são denominações pentecostais que preservam seu fervor em muitos aspectos e primam por suas tradições. Um exemplo disso são congregações que realizam campanhas dirigidas e movimentadas por profetas. Na Assembleia de Deus a maioria dos profetas são mulheres e são chamadas de profeta e não no feminino (profetisa). São poderosas no que diz respeito ao carisma, nos utilizando, mais uma vez de Weber (2013 p.10) “a magia é o lugar ‘espiritual’ da chefia carismática”. Elas são em grande parte “curandeiras” pentecostais.

Se há uma personagem que se assemelha ao mago ou mágico, e que mais se aproxima de práticas mágicas, esta personagem é a profeta, considerada como possuidora de “capacidades mágicas, revelações e heroísmo, poder do espírito e do discurso, o fora do cotidiano” (WEBER, 2013, p.9). Chegando bem perto de comparação ao mágico de tribos ou religiões primitivas citadas por autores. A profeta está ou é para um crente (embora este não admita) como uma cartomante para um exotérico, uma mãe de santo para os praticantes das religiões de matrizes africanas, um pajé, um mago, uma espécie de místico com soluções mágicas. É atrai destas soluções mágicas que os crentes pentecostais ou até mesmo não evangélicos se aproximam dela, em busca de soluções de problemas.

Para Mauss (2003, p. 62) há uma atribuição dada a mulher, com certa facilidade a práticas mágicas, “dado que a mulher é excluída da maioria dos cultos, e neles se reduz a um papel passivo quando aceita, as únicas práticas deixadas à sua iniciativa confirmam com a magia”. Dentro do termo usado como práticas mágicas, podemos trabalhar e entender as profetisas da Assembleia de Deus nas periferias de Belém, elas quase não têm vez nos cultos da instituição, mas se introduzem nos cultos, na maioria das vezes, por intermédio de profecias, disputando (de certa forma) o direito a anunciar a Palavra, dividindo o espaço quando profere uma profecia, já que as pregações são de predominância da liderança, esta masculina.

O povo pentecostal da periferia gosta de ouvir dos profetas consolo como “Deus esta contigo”, soluções para os problemas como “Deus arranca hoje este mal”, ou entrega de vitória como “Deus te entrega hoje atua vitória, toma posse”, resultado de uma vida sofrida e cheia de dificuldades, o que Alberto Antoniazzi (1994, p.24) comenta como fatores sócio-religiosos que respondem a interpretações simbólicas realizadas pelas classes populares de suas adversidades existências. Tais “vitórias”, claro, passam pelas realizações das práticas mágicas, e tem como processo final a derrota da pessoa-causa dos males, relacionando a menção da demonologia, uma transformação das leis e qualidades (MAUSS, 2003, p.115), num causador, o Diabo. As falas de cunho de confissões positivas, proferidas pela profeta, acompanhadas de um ritual bastante complexo onde se encontram práticas de magia simpática ou nos ritos orais (MAUSS, 2003) através da glossolalia (falar em línguas estranhas), seja cantando, dançando, batendo palmas, emitindo ruídos e muitos outros atos, são indissociáveis dos ritos praticados pelas profetas, carregando todo um significado para a profetisa como também para quem busca seu trabalho.

A profeta tem nas classes menos favorecidas financeiramente, com grande maioria nas periferias da cidade, sua clientela. “Quanto mais pobre a zona da cidade, maior é o número de evangélicos” (FREESTON, 1996, p.11). Uma clientela necessitada de saúde, emprego e segurança e que muitas vezes só encontra possibilidades, ao seu próprio vê, nas práticas mágicas destas profetisas. Embora suas práticas não sejam consideradas mágicas na visão destes fiéis, que têm por magia um termo muito pejorativo ou maligno. Para eles tais práticas são executadas pelo Espírito Santo, a profetisa seria uma espécie de canal, em outros termos, um oráculo.

A NEGAÇÃO DAS PRÁTICAS MÁGICAS

Os crentes fazem filas em frente ao profeta dentro do templo, ele se direciona a um por um e destrincha o que viu sobre cada indivíduo, assim como a vidente, o mago ou a cartomante para seus clientes, contudo, ainda assim, para os crentes pentecostais isso nada tem em comum com práticas ou místicos citados, ou melhor, isso nada tem a ver com magia, pelo contrário, o pentecostal combate magia porque esta é coisa do diabo. O crente quebra as magias através de repreensões e determinações feitas em nome de Jesus, aliás, o nome de Jesus se tornou no meio pentecostal e até mesmo fora das igrejas (nos meios populares) uma espécie de palavra-amuleto.

Os crentes saindo no final de uma reunião da Universal trazem consigo cada um, um saquinho portando um líquido verde dentro (uma amostra do banho do descarrego). Em outra reunião (pois a IURD realiza diversas reuniões por dia de hora em hora dependendo do templo e sua localidade) os fiéis portam a mão um escudo recortado em forma de papel para que seja colocado atrás de sua porta para proteção de sua residência, mas, para o crente o agir é de Deus. Resta saber se através destes elementos distribuídos ou não. Nas respostas de muitos fiéis, o saquinho com o banho verde do descarrego ou o escudo de papel, são apenas símbolos usados para estimular a fé do indivíduo, embora, não seja o que vemos nos programas de televisão da igreja, quando os bispos chamam a atenção dos fiéis para não deixarem de ir à reunião para pegar tal objeto simbólico e conseguirem sua benção.

Uma coisa todos os segmentos pentecostais tem em comum, não somente os pentecostais, mas toda cristandade e suas ramificações, o fato de todas negarem e combaterem a magia e as práticas mágicas. Para os pentecostais os trabalhos feitos de cura, adivinhações, expulsões de demônios, orações por meio de fotografias e unção de peças de roupas para fins de benéficos aos seus donos, não contêm nada de magia ou não possui nada de mágico, o resultado acontece por intermédio divino através do Espírito Santo, que por sua boa vontade realiza o milagre. Na IURD o combate é pesado contra a prática de magia, as investidas da igreja sempre foram pesadas contra as religiões, que segundo a própria IURD, são satânicas e se utilizam da magia para destruir a vida do ser humano, agindo no casamento, negócios, corpo, saúde, mente, família, etc. O que não admitem é que, grande parte das práticas negada, combatida e demonizadas pela igreja é utilizada em seus rituais em suas reuniões.

É importante observar, portanto, que, ao reconhecer o feitiço e proporcionar sua neutralização, a libertação acabou assumindo

estruturalmente o papel de um contra feitiço. [...] a inversão de significado assenta-se sobre um circuito de feitiços e contra feitiços que é compartilhado pela Igreja Universal. Assentada nesse circuito, essa igreja acabou por introduzir na sua religiosidade uma característica fundamental para o funcionamento da magia: a imanência do sagrado nas coisas e nas pessoas (ALMEIDA 2009, p. 1006).

O pensamento de que na igreja os malhes são quebrados existem dedes que o cristianismo nasce, pois, “vos dou poder para pisar serpentes, e escorpiões, e toda a força do Inimigo, e nada vos fará dano algum” (Lc 10.19). O fato de a magia ser quebrada somente por meio de Jesus e no meio de uma igreja pentecostal é mais recente e nasce com o próprio pentecostalismo, quando este tem a pretensão de acumular poderes, pois são revestidos de poder com a descida do Espírito Santo sobre eles, chamada por alguns de batismo de fogo, uma experiência pessoal que leva o crente ao transe.

Os pentecostais têm como base para se utilizarem de rituais e símbolos em suas reuniões e cultos, o fato de a Bíblia esta cheia de exemplos a respeito deste assunto com alegorias, histórias, sagas. Um fato interessante é que a Bíblia é também utilizada como base no combate à magia e a prática mágica e ao mesmo tempo encontramos práticas mágicas sendo feitas por grandes líderes bíblicos como o próprio Jesus:

Tendo dito isso, cuspiu na terra, e, com a saliva, fez lodo, e untou com o lodo os olhos do cego. E disse: vai, lava-te no tanque de Siloé (que significa o Enviado). Foi, pois, e lavou-se, e voltou vendo (Jo 9.6-7).

Mesmo Jesus em algumas ocasiões foi considerado por seus opositores religiosos como feiticeiro ou praticante de magia, revelando desde os tempos bíblicos a antiga briga entre religião e magia, geralmente representada entre o profeta e o sacerdote. O episódio em que Moisés e Arão e os magos do faraó transformam seus cajados em cobras, também se trata de magia e sua prática, desta vez um duelo, tanto o mago de faraó quanto Moisés e Arão exercem práticas mágicas nesse episódio. Quando a cobra que foi transformada pelo cajado de Arão come a duas cobras transformadas pelos cajados dos dois magos, mostra a superioridade da magia de Moisés e Arão (Êx 7.10-12).

A negação das práticas mágicas como da magia em si, por parte dos pentecostais nada mais é do que a repetição de uma luta travada há muito tempo, talvez desde o surgimento da magia e da religião, além do mais, os pentecostais têm

os trechos bíblicos que legitimam a não praticá-la, mas, a combater (nos tempos bíblicos o combate poderia chegar a morte do mágico, chamado de feiticeiro), embora o combate fosse com magia, ou seja, magia combatendo magia, como vimos acima. Pois, que outra maneira se pode combater magia se não com magia?

Para os pentecostais as maravilhas realizadas por homens e mulheres que se consideravam portadores da mensagem divina, mencionadas na Bíblia, não se trata de práticas de magia ou mágicas, mas do poder de Deus, ou seja, o próprio Deus agindo em favor de seu povo e desfazendo e combatendo a magia porque Ele a detesta e as suas práticas o abominam, além disso, a magia tende manipular as coisas, a vida, a natureza, o homem, o que para os pentecostais cabe somente a Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o sujeito da fé pouco importe se magia e religião são coisas totalmente diferentes uma da outra, ou se há combate entre elas, o que lhe interessa são os resultados que tais práticas rituais podem trazer. Isso acaba abrindo espaço para que lideranças religiosas induzam fiéis a combater a magia, criando uma imagem pejorativa desta, o que nos remete a um pensamento: a religião com seus discursos contra a magia é uma das principais causas da discriminação das práticas mágicas, não somente isso, mais, também estende esta discriminação para outras religiões que se utilizam de tais práticas, o pentecostalismo é um exemplo muito forte disso, pois, sempre combateu com grande fervor as religiões místicas e mágicas, em especial as de matriz africana. Nos últimos tempos não só combate como se apodera de seus rituais e símbolos e os resignifica, ofertando-os as demandas.

Vimos que o terreno pentecostal mudou e, ainda hoje muda, suas novas práticas revelam o novo perfil do pentecostal, pentecostal típico brasileiro, não uniforme, diversificado, mesclado, e culturalmente como bom brasileiro, voltado às práticas ou rituais mágicos. Práticas rituais que fazem parte de seu dia-a-dia, que lhe ajuda a criar sua identidade religiosa, ainda que influenciada ou composta por tantas outras práticas.

Na igreja o combate entre as duas “irmãs” inseparáveis (magia e religião) sempre estará presente. A eterna luta, de um lado a religião tentando delimitar terreno para a magia e negando-a, de outro a magia com sua liberdade atraindo clientelas até mesmo (em grande parte) da religião, talvez seja por este motivo que as igrejas pentecostais tenham combatido grande parte dos rituais mágicos,

resignificando tais rituais juntamente com seus símbolos e colocando em prática em seus cultos.

Se o pentecostalismo combate a magia ou a prática desta, combate por intermédio da própria magia, ainda que, alegue ser o agir de Deus e não rituais mágicos, seus rituais para chamar este agir de Deus, são compostos de estéticas e performances, estas por sua vez, cada vez mais (senão sempre) próximas dos rituais mágicos. É o grito de aleluia alto e estridente proferido por um pentecostal tradicional num culto pela descida do Espírito Santo ou na dança cheia de rodopios feita por crente cheio deste mesmo Espírito, assim como, as fotos e utensílios ungidos, consagrados ou abençoados para realização das benesses divina sobre os crentes.

Finalizamos este trabalho, embora longe de finalizar a argumentação, nos permitindo uma pergunta: que seria das religiões pentecostais sem a magia? Visto que estas quando nascem trazem consigo a pré-disposição para o desenvolvimento magico entre elas. Não importa se os pentecostais sempre vão combater a magia. A prática desta ocorrerá sempre, até mesmo no ato de combatê-la feito pelos pentecostais.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Gedeon Freire de. **Matriz pentecostal brasileira**: Assembleia de Deus 1911/2011. Editora Novos Diálogos. Rio de Janeiro. 20013.

ALMEIDA, Ronaldo de. **A Igreja Universal e seus demônios**. 1. ed.- São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.

ANTONIAZZI, **Alberto**. **Nem anjos nem demônios**: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*- Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

DHURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

FRAZER, Sir James George. **O ramo de ouro**. Zahar Editores, 1982.

FRESTON, Paul. **Pentecostalismo**. In: Seminário UNIPOP. Belém-PA, 1996.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Petrópolis. Editora Vozes, 2008.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais, Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1999.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo. Cosac Naify, 2003.

WEBER, Max. **Três tipos puros de poder legítimo**. Disponível em: http://www.lusosofia.net/weber_3_tipos_poder_morao.pdf. Acesso em: 14 dez. 2013.